

A INTERNACIONAL: MEMÓRIA, HISTÓRIA, HISTORICISMO E HISTORICIDADE

Anna Gicelle García ALANIZ¹

Eduardo Ramos DEZENA²

*Na primeira noite eles se aproximam
e roubam uma flor
do nosso jardim.
E não dizemos nada.*
*Na segunda noite, já não se escondem:
pisam as flores,
matam nosso cão,
e não dizemos nada.*
*Até que um dia
o mais frágil deles
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a luz, e,
conhecendo nosso medo,
arranca-nos a voz da garganta.
E já não podemos dizer nada.*
(Eduardo Alves da Costa - 1964)³

E, como se não fosse o bastante, querem roubar nossa memória...

Existem dimensões do conhecimento humano em que todos sentem-se autorizados a colaborar, muito embora ignorem os pressupostos teóricos e os procedimentos científicos que norteiam

tais áreas. Um dos exemplos mais comuns no cotidiano ocorre com a disciplina de História, em que basta o indivíduo ter acesso a algum material didático ou de divulgação para que passe a produzir análises ou pronunciar-se sobre fatos totalmente fora de contexto.

Não basta uma cronologia ou um arrazoadado de fatos para dar historicidade a qualquer produção literária. Foi-se o tempo, felizmente, em que a história institucional baseava-se em crônicas positivistas, que apenas reproduziam as versões dominantes, dando destaque a meia dúzia de personagens construídos conforme os interesses vigentes. Nos últimos cem anos, a História, enquanto disciplina científica, passou por diversas mudanças no enfoque e nos objetivos da produção de conhecimento.

A maior parte das mudanças deve ser analisada a partir da obra de Karl Marx, filósofo, jornalista, economista e historiador. Marx deu dimensão e sentido ao que até então não passava de “sagas” institucionais. E, acima de tudo, aperfeiçoou a dialética de Hegel, proporcionando aos intelectuais um meio seguro de examinar a evidência com rigor científico.

Entretanto, Marx pode ser lembrado, do mesmo modo, por seus trabalhos como jornalista político militante, que lhe renderam mais de um exílio, e colaboraram para a difusão da doutrina socialista. Nesse contexto, devemos salientar, também, que Marx sempre será lembrado por ter participado da Primeira Internacional e por suas polêmicas virulentas com Proudhon e Bakunin, principais expoentes à época do socialismo libertário, hoje conhecido como Anarquismo.

Qualquer artigo que se suponha científico, tratando das diversas *Internacionais*, deveria deter-se ao menos um momento para examinar essas polêmicas e seus desdobramentos, que perpassam o movimento operário internacional até os dias de hoje. Deveria lembrar o fato de que a maior parte dos militantes anarquistas de dois continentes foi sistematicamente exterminada e massacrada nos primeiros anos de nosso século e até às vésperas

da Segunda Guerra Mundial, por diversas instâncias da repressão oficial. Do mesmo modo, socialistas e comunistas têm sido perseguidos sem trégua nos últimos cem anos pelo ocidente afora.

Para ter acesso a esses fatos não basta consultar o pífio material didático oficial ou obras de divulgação de autores sem qualquer rigor científico. Existe uma vasta historiografia sobre o movimento operário - nacional e internacional - bem como dezenas de dissertações de mestrado e teses de doutoramento, defendidas nas principais universidades de nosso país, e que constam das bibliotecas da USP, UNICAMP, PUC-São Paulo e PUC-Campinas.

Este prólogo nada mais tem por objetivo que expressar nossa surpresa com o conteúdo da “**Revista Jurídica**”, Vol. 15, nº 2, 1999, quando à página 108 encontramos o artigo “**A INTERNACIONAL - UM POEMA MELODIADO DA HISTÓRIA**”, de autoria do Professor de Direito Constitucional, e membro do Ministério Público do Estado de São Paulo, Carlos Henrique Maciel. Surpresa esta que se prendeu a dois fatores: primeiro a publicação de uma matéria sobre um tema que tem sido considerado tabu e que, até pouco tempo atrás, certamente não seria aprovado pelo conselho editorial; segundo, pelo alto teor de incorreções contidas nesse artigo, que certamente poderão trazer alguma confusão àqueles que não conhecem a história de lutas dos trabalhadores no mundo, e nem a grandiosidade, abrangência e significado da **INTERNACIONAL**.

Com a devida *venia*, gostaríamos de lembrar ao autor do referido artigo que a versão em língua portuguesa da letra da **INTERNACIONAL**, existe há muitos anos, tendo sido elaborada por **NENO VASCO**, um militante anarquista.



Neno Vasco

4

Ressalte-se ainda que esta versão sempre foi conhecida pelos militantes libertários, que constantemente procuraram divulgá-la em seus jornais, livros, revistas, panfletos, enfim, através de qualquer forma possível.

Outrossim, esta versão sempre esteve ao alcance de qualquer pessoa. Em 1985, a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo publicou o livro **“A VOZ DO TRABALHADOR - ORGAM DA CONFEDERAÇÃO OPERARIA BRAZILEIRA”**, Coleção *fac-similar* 1908 - 1915, com prefácio do Professor Paulo Sérgio Pinheiro, onde encontramos todos os exemplares publicados do jornal **“A Voz do Trabalhador”**, e onde, por exemplo na página 3 do jornal publicado no dia 1º de maio de 1909, encontramos a letra em português da **INTERNACIONAL**.

A INTERNACIONAL sempre foi um dos símbolos da resistência e da luta dos trabalhadores, quer fossem suas bandeiras vermelhas ou pretas. Poetas como Berthold Brecht enalteceram o valor deste hino, com o respeito e a dignidade que lhe são devidos:

A INTERNACIONAL⁵

Camaradas relatam:
Junto à montanha de Pamir
Encontramos uma mulher, responsável por uma fazenda de coco
Que tem convulsões sempre que ouve
A Internacional. Ela contou:
Na guerra civil seu marido era
Líder de um grupo de guerrilheiros. Bastante ferido
Deitado em uma barraca, foi traído. Levando-o preso
Gritavam os Guardas Brancos: Não mais cantarás
A tua Internacional ! E diante de seus olhos
Violentaram sua mulher sobre a cama.
Então o homem começou a cantar.
E cantou a Internacional
Também quando mataram a criança menor
E parou de cantar
Quando lhe mataram o filho
E ele parou de viver. Desde esse dia
Diz a mulher, ela tem convulsões
Ao ouvir a Internacional.
E, ela conta, foi difícil
Encontrar nas Repúblicas Soviéticas um lugar de trabalho
Onde ela não fosse cantada
Pois de Moscou a Pamir
Não é possível hoje em dia
Fugir à Internacional.
Mas um pouco mais raramente
É ouvidas em Pamir.
E continuamos a falar sobre seu trabalho.
Ela contou que até então o distrito
Havia cumprido o Plano somente até a metade.
Mas o lugar é estava inteiramente transformado
Irreconhecível, torna-se cada dia mais familiar
Muita Gente nova produz

Trabalho novo, novo descanso
 E no próximo ano o plano
 Será talvez ultrapassado
 E quando isso acontecer uma fábrica
 Será construída: quando estiver construída
 Bem, diz ela, neste dia eu
 Cantarei a Internacional.

Conforme já mencionamos, os socialistas libertários sempre procuraram divulgar a letra, em português, da INTERNACIONAL, como fez, por exemplo, Edgar Rodrigues:

A INTERNACIONAL

Letra de E. Pottier. Música de Degeyter

Tradução de Neno Vasco

De pé! ó vítimas da fome!
 De pé! famélicos da Terra!
 Da Idéia a chama já consome:
 a crosta bruta que a soterra.
 Cortai o mal bem pelo fundo!
 A pé, a pé! não mais senhores!
 Se nada somos em tal mundo,
 sejamos tudo, ó produtores!

Bem unidos, façamos,
 nesta luta final,
 duma Terra sem amos
 a Internacional!

Messias, deus, chefes-supremos,
 nada esperemos de nenhum!
 Unamos forças e tornemos
 a terra-mãe livre e comum!
 Para não ter protestos vãos,
 para sair deste antro estreito,
 façamos nós por nossas mãos
 tudo o que a nós nos diz respeito.

Bem unidos, etc.

Crime de rico a lei o cobre,
 o Estado oprime o desgraçado:
 não há direitos para o pobre,
 ao rico tudo é tolerado.
 À opressão não mais sujeitos!
 Somos iguais todos os seres.
 Não mais deveres sem direitos,
 não mais direitos sem deveres!

Bem unidos, etc.

Abominável na grandeza,
 os reis da minha e da fomalha
 edificaram tal riqueza
 sobre o suor de quem trabalha.
 Todo o produto de quem sua
 a corja rica o recebeu:
 querendo que ela o restituísse,
 reclama o povo o que é bem seu.

Bem unidos, etc.

Fomos de fumo embragados:
 Paz entre nós, guerra aos senhores!
 Façamos greve de soldados:
 somos irmãos, trabalhadores!
 Se a raça vil, cheia de galas,
 nos quer à força canibais,
 logo verá que as nossas balas
 são para os nossos generais.

Bem unidos, etc.

Somos o povo dos ativos,
 trabalhador, forte e fecundo.
 Pertence a terra aos produtivos.
 ó parasita deixa o mundo!
 ó parasita que te nutres
 do nosso sangue a gotear,
 se nos faltarem os abutres,
 não deixa o sol de fulgurar.

Bem unidos, façamos,
 nesta luta final,
 duma Terra sem amos
 a Internacional!

6

Ressalte-se que, além de divulgar a letra, Edgar Rodrigues também apresentou a parte das notas, facilitando a execução do refrão



De pé... ó vi-ti-mas da fôr-ma! De pé, fe-rô-ci-as da Ter-ra! Da jo-
 de-las cha-ma-já con- 'so-me a crosta bru-ta neg-ro ter-ra. Com tal o
 mel.... bem pe-lo fin-de-lá pé, a pé, não mole-se-nho-ras! Se
 na-da so-mos em tal mun-do, se-ja-mos tu-dos pro-du-to-res! Bem u-
 ni-dos, fa-ça-mos, nes-ta lu-ta fi-nal, du-ma Ter-ra sem
 a-mos, a In-ter-na-cio-nal! Bem u-ni-dos, fa-ça-mos, nes-ta
 lu-ta fi-nal, du-ma Ter-ra sem a-mos, a In-ter-na-cio-nal!



Bastaria que o Professor Carlos Henrique Maciel entrasse em contato com qualquer militante, de qualquer partido de “esquerda”, ou com militantes das “centrais sindicais”, membros de sindicatos, militantes libertários, ou ter pesquisado na biblioteca do Instituto de Filosofia, Ciências Sociais e História da Unicamp, ou no Arquivo Edgar Leuenroth, também da Unicamp, que certamente encontraria esta versão, tão antiga.

Por outro lado, uma leitura na versão feita por Neno Vasco demonstra que a tradução feita pelo autor do artigo publicado nesta Revista, não conseguiu captar a verdadeira essência da **INTERNACIONAL**. Com efeito, as diferenças na versão feita pelo Professor Carlos Henrique Maciel atestam que ele não buscou, realmente compreender o motivo pelo qual a **INTERNACIONAL** é tão importante para a luta dos trabalhadores, e para a luta de todos aqueles que acreditam na liberdade, e buscam preservar a humanidade nas relações sociais.

E, perguntamos, por que teria incorrido o Professor em tal erro?

A elegância e a civilidade impedem-nos de suspeitar de qualquer espécie de má fé, entretanto, o ar de amável condescendência empregado no artigo, leva-nos a refletir que talvez o Professor Carlos Maciel não atribua aos operários do mundo o *status* de sujeitos de sua própria História. Ao recuperar de maneira superficial e reduzida a trajetória das *Internacionais* e ligá-la ao surgimento da canção, o Professor Maciel omitiu diversas informações importantes para a compreensão do movimento operário internacional e da própria canção.

As *Internacionais* devem ser compreendidas em sua temporalidade, isto é, ligadas ao momento político que lhes era contemporâneo. Assim, devemos pensar na Comuna de Paris, na Guerra Franco-Prussiana e nas diversas revoltas por pão e liberdade ocorridas ao longo da Europa, nas fábricas e nas minas de carvão. Do mesmo modo, devemos chamar a atenção para os leigos, que o

fenômeno que chamamos de Revolução Industrial, criou e propagou situações extremas de confronto, durante décadas, no processo de implantação das novas relações entre o capital e o trabalho.

Lembrando um dos maiores historiadores do movimento operário inglês, Edward Palmer Thompson:

“Não deveríamos ter como único critério de julgamento o fato de as ações de um homem se justificarem, ou não, à luz da evolução posterior. Afinal de contas, nós mesmos não estamos no final da evolução social. Podemos descobrir, em algumas das causas perdidas do povo da Revolução Industrial, percepções de males sociais que ainda estão por curar. Além disso, a maior parte do mundo ainda hoje passa por problemas de industrialização e de formação de instituições democráticas, sob muitos aspectos semelhantes à nossa própria experiência durante a Revolução Industrial. Causas que foram perdidas na Inglaterra poderiam ser ganhas na Ásia ou na África.”⁸

Assim, não existe apenas uma história do movimento operário, mas tantas histórias quantos movimentos operários existem. Cada uma com suas referências específicas, que nem sempre remetem às *Internacionais*, como é o caso dos militantes anarquistas. Entretanto, as experiências comuns de luta, confronto, opressão e massacre, inerentes a esses tantos movimentos operários, fizeram com que a canção “**A INTERNACIONAL**”, viesse a tornar-se um hino comum aos mais variados setores das esquerdas.

A INTERNACIONAL constitui a memória do movimento operário e foi traduzida nas mais diversas línguas há mais de noventa anos. Essa memória deve ser respeitada, uma vez que está impressa com o sangue de milhares de mártires da causa,

aqui mesmo no Brasil, e pelo mundo afora. Atitudes de amável condescendência como a do Professor Carlos Henrique Maciel ofendem os detentores dessas memórias, bem como escandalizam os historiadores presentes.

A história oficial e institucional já conseguiu despolitizar completamente o Primeiro de Maio, relegando ao anonimato os mártires de Chicago. Se deixarmos que a versão “expurgada” e despolitizada que o Professor Carlos Henrique Maciel deu à **INTERNACIONAL**, sobreponha-se àquela de Neno Vasco, estaremos não apenas prestando um desserviço à memória, bem como auxiliando o opressor a privar-nos de nossos principais referenciais. E afirmamos isso por acreditar que a Internacional não constitui propriedade dos movimentos operários, mas um patrimônio de todos os oprimidos e da irmandade entre os homens.

NOTAS

- (1) Doutora em Ciências: História Social pela Universidade de São Paulo.
- (2) Aluno do Curso de Especialização em Direito Tributário - PUC-Campinas.
- (3) COSTA, Eduardo Alves da – **No caminho com Maiakóvski**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985. [Poesia Brasileira]. Quarta capa.
- (4) PRADO, Antonio Arnoni e HARDMAN, Francisco Foot - **Contos Anarquistas - Antologia da prosa libertária no Brasil (1901-1935)**, São Paulo, Brasiliense, 1985. detalhe da capa.
- (5) BRECHT, Bertold – **Poemas - 191-1956**, São Paulo, Brasiliense, 1986. pp.101/102.
- (6) RODRIGUES, Edgar – **ABC do sindicalismo revolucionário**, s.l.p., Edições Achiamé Ltda., 1987. p.71.
- (7) RODRIGUES, Edgar, op. cit, página 70.
- (8) THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. p.13. v.1: A árvore da Liberdade.